

3

—

Tramas íntimas
da produção



Sem título. Carolina Itzá.

Doutoranda, negra e mãe: como fui parar em um programa de sanduíche nos EUA

OBJETIVOS

Esse texto tem como objetivo compartilhar minha experiência de aprovação em uma bolsa de doutorado sanduíche da *Fulbright* nos Estados Unidos, colaborar para a desmistificação do modelo de “pesquisador ideal” e encorajar mulheres negras na pós-graduação a valorizar suas trajetórias individuais e possibilidades de reconhecimento e auto-estima enquanto intelectuais.

PORQUE UM DOUTORADO NO EXTERIOR NÃO ERA PARA MIM

EM DEZEMBRO DE 2018, fui contemplada com uma bolsa de doutorado sanduíche da *Fulbright*, um segmento do governo dos Estados Unidos que financia diversos tipos de pesquisa e intercâmbio linguístico e cultural entre este e diversos outros países do mundo. O programa para o qual fui selecionada tinha 30 vagas para doutorandos do Brasil inteiro de todas as áreas. Ou seja, eu, uma doutoranda da área da Educação, que sabemos ser socialmente desvalorizada, corri com candidatos das ciências exatas e biológicas posicionados no Brasil inteiro.

Também é de se considerar as particularidades do Brasil, lugar de onde fui selecionada.

Toda a minha formação acadêmica se deu na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), o que, por um lado certamente

Mariana Machado Rocha (Mariana do Berimbau)

Pedagoga; Mestre; Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo; Poeta; Compositora e performer. Mariana pratica manifestações artístico-culturais afro-brasileiras como dança e capoeira desde 2012; Publicou o livro de poesias Meu Sobrenome é Ousadia, em 2016; Atuou como professora convidada do curso de Administração Pública da FGV-EAESP em 2019, ano em que ministrou a disciplina Gênero e Raça: pensando com o feminismo negro e a cultura afro-brasileira.

machado.mari.r@gmail.com

me dá uma posição de vantagem em relação a outros programas acadêmicos de São Paulo e do Brasil como um todo, tendo em vista o prestígio da USP, mas, por outro, me situa num campo de experiências altamente limitado. E com a palavra limitado eu quero dizer restrito em relação ao perfil de estudantes e professores com quem tive contato durante todo o meu tempo de formação. A Universidade de São Paulo é branca e tem suas bases filosóficas na branquitude, o que a princípio faz dela um ambiente não tão encorajador para pessoas como eu.

Sou uma mulher negra, de 33 anos, mãe de dois meninos, o Vitor e o Pedro, de 10 e 11 anos de idade. Ou seja, durante quase todo o meu período como estudante da USP eu trabalhava e tinha um conjunto de responsabilidades maternas.

Durante a graduação eu fui reprovada em diversas disciplinas por frequência e nota, eu me matriculava nos cursos e simplesmente não ia. Desistia antes mesmo de começar, e, por esse motivo, junto com as duas gestações que se deram nesse período, eu demorei quase o dobro do *tempo ideal* para terminar meu curso. Esse *histórico escolar sujo* me assombrou por muito tempo, pois quando me inscrevi na seleção do mestrado, as pessoas diziam que isso iria me atrapalhar no momento de pleitear bolsas de estudos, ou mesmo o ingresso na pós-graduação.

Vale notar que meu desânimo com o curso estava diretamente ligado a um sentimento de não pertencimento a esta Universidade. De muitas maneiras diferentes, que vão desde o currículo à composição social e racial do corpo docente e discente, a USP me dizia que ali não era o meu lugar e, em

diversos momentos, eu agi como se concordasse com essas mensagens.

Para completar, os motivos que me levaram à pós-graduação não foram tão *nobres*.

Durante a graduação, meus filhos estavam na creche da Universidade. Por um lado eu precisava do diploma para conseguir um emprego melhor, já que os gastos ao ter dois bebês haviam aumentado, por outro, quando me formasse perderia o vínculo que me dava direito à creche para eles. O ingresso no mestrado foi uma solução que me permitiria garantir a educação básica de qualidade para as crianças e, ao mesmo tempo, um novo passo nos meus próprios estudos.

Parecia uma boa ideia, mas quando conversei com um professor sobre as minhas motivações, ele me desestimulou e disse que este não era um bom motivo para começar uma pesquisa. Disse ainda, que a pesquisa científica era a atividade “mais qualificada do planeta” e que para trabalhar com isso era preciso querer se dedicar integralmente e não fazer mestrado para manter “uma vaga na creche”. A fala dele me incomodou bastante, mas segui meu plano.

Entrei no mestrado e, ao concluir essa etapa, ainda estava com muitas dúvidas sobre se eu queria mesmo seguir a carreira acadêmica, mas como eu tinha conseguido um emprego relacionado à minha área de estudos e nesse local havia a expectativa de que eu continuasse os estudos, decidi ingressar no doutorado.

A fala do professor resume um pouco a mensagem indireta, porém bastante explícita, que recebi da Universidade de São Paulo desde 2006, quando ingressei na graduação, até hoje.



Essa prolongada sensação de ser uma estudante inadequada foi parte do que compôs a minha auto-imagem até pouco tempo atrás.

Assim, logo que eu entrei no doutorado, o primeiro sentimento que eu tive quando comecei a me imaginar pleiteando uma bolsa para ir para o exterior foi vergonha. Isso mesmo, vergonha. Eram tantas as barreiras materiais e simbólicas existentes entre mim e esta possibilidade, que sonhar com um intercâmbio parecia algo tolo. Algo dentro de mim dizia: “Imagina só, mulher, negra, pobre, e com dois filhos. Trabalhando enquanto faz o doutorado. Isso não é para você, Mariana. As pessoas vão rir quando você disser que está pensando nisso.”

Essa voz imperou soberana por um bom tempo dentro de mim. Comecei a desafiá-la timidamente, revelando a existência desse desejo apenas para as pessoas mais íntimas. E entre familiares, colegas de trabalho e da pós-graduação, recebi incentivos muito generosos e amigos. Um dos incentivos mais transformadores foi entrar em contato com um conjunto de narrativas vivas, contemporâneas, sobre pesquisadores e pesquisadoras negras brasileiras que haviam viajado para o exterior em condições semelhantes, algumas até mesmo com filhos¹. Foi então que não tive mais vergonha do meu desejo. Essas outras pessoas me mostravam que eu podia me dar ao luxo de sonhar com uma viagem!

Então eu soube da existência da Fulbright. Três características das bolsas oferecidas por esta ramificação do governo dos Estados Unidos me

chamaram a atenção. Primeiro, o incentivo à participação do que eles chamam de *underrepresented groups* no processo seletivo. Segundo, a exigência com relação à língua inglesa tinha uma flexibilidade. Para candidatas que obtivessem uma pontuação no TOEFL muito próxima à nota mínima exigida como critério de aprovação havia a possibilidade de realizar um programa preparatório com um curso de inglês intensivo antes do início do doutorado sanduíche propriamente dito. Terceiro, o processo seletivo era acadêmico, mas valorizava também a experiência profissional e o engajamento político.

Estas características sinalizavam que a Fulbright considerava importante investir também em pesquisadores e pesquisadoras que não seriam entendidas como padrão, ou seja, branca que concluiu a graduação no período ideal; emendou mestrado e doutorado; nunca trabalhou; não teve filhos; e teve as bolsas de maior prestígio do país.

As regras presentes no edital comunicavam o reconhecimento do valor de trajetórias que revelassem compromisso social expresso tanto em termos profissionais como em atuações políticas. Este era o meu caso, como eu sei que é também o caso de um grande conjunto de pesquisadoras negras brasileiras que vêm desenvolvendo um trabalho sério, mas que, por exemplo, ainda não tem artigos publicados ou não tiveram acesso ao aprendizado de uma segunda língua.

Por isso recomendo fortemente às pesquisadoras negras que busquem possibilidades e alternativas de

¹ Intelectuais negras da cena paulistana como Jaqueline Santos, Allyne Andrade, Viviane Angélica Silva, Clélia Prestes ou Márcio Macedo e Deivison Faustino haviam estudado no exterior.

fomento para a realização de períodos fora do Brasil e no caso das que tiverem interesse em ir para os Estados Unidos, a *Fulbright* é uma excelente opção.

Participar deste processo seletivo foi algo muito transformador para mim, já que a própria elaboração dos materiais me ajudou a reconhecer o valor das minhas realizações fora da academia e a enxergar o caminho percorrido, o processo formativo político, profissional, artístico, acadêmico e, inclusive, a maternidade, como parte da minha bagagem. O processo seletivo é intenso e requer dedicação, mas cada minuto de trabalho vale a pena.

Ele te leva a pensar em perguntas aparentemente simples como: “Por que você quer fazer um doutorado sanduíche? Quais seus planos para os próximos cinco anos da sua carreira? Como este programa irá ajudar a realizar esses planos? Qual a contribuição da sua pesquisa para a sociedade brasileira?”. Perguntas que naquele momento da minha trajetória, eu, já doutoranda, ainda não havia me feito. Questões cujas respostas me ajudaram a traçar um plano pessoal e, mais do que isso, a entender a própria importância da elaboração de um plano como este.

Esse texto tem o papel de desmistificar a ideia de que para pleitear as bolsas de maior prestígio no Brasil e no mundo, como a *Fulbright*, por exemplo, você precisa ter sido a melhor estudante da turma desde o primeiro dia de graduação. Não é bem assim, e me parece que em alguns países mais do que em outros, o processo seletivo incorpora uma valorização do percurso formativo e não apenas do resultado final expresso na posição ocupada ou na quantidade de artigos publicados. Por

isso, vale muito a pena investigar possibilidades de fomento em outros países, especialmente nesse momento em que o governo Bolsonaro está reduzindo drasticamente as verbas de financiamento à pesquisa no Brasil.

O nome da bolsa que eu tenho hoje é *Doctoral Dissertation Research Award (DDRA)* e o programa se constitui em receber um patrocínio para passar nove meses nos Estados Unidos com a possibilidade de estender esse período caso você seja indicado para o *Pre Academic Program*, que é o curso intensivo de inglês. Além da bolsa propriamente dita, a *Fulbright* cobre as passagens, o seguro viagem e oferece um valor para viagem e hospedagem para a participação em eventos acadêmicos nos Estados Unidos durante o programa.

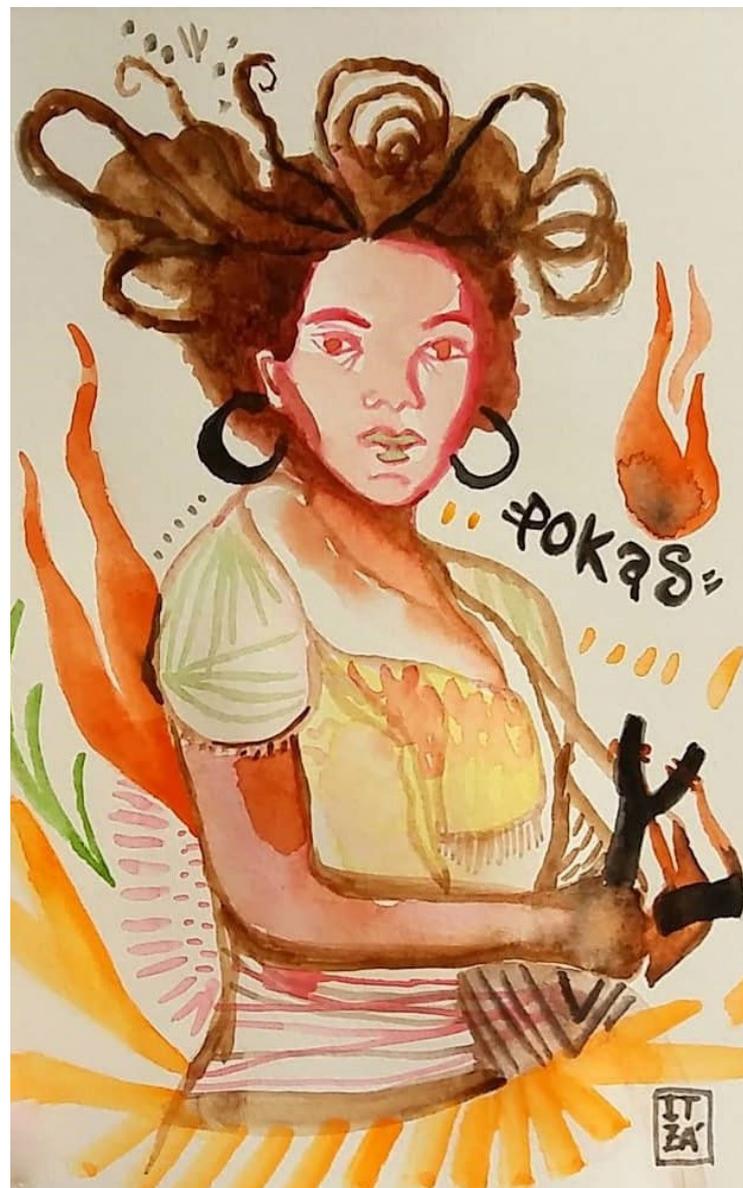
No caso das mães, uma questão um pouco delicada é que não há nenhum tipo de valor adicional para pessoas que precisam levar dependentes, como foi o meu caso, já que tenho dois filhos. E de fato a bolsa sozinha não é suficiente para sustentar outra pessoa além do próprio doutorando. Além disso, na hora de tirar o visto, é uma exigência do governo americano que você comprove que tem condições de sustentar seus dependentes. Essa é uma parte difícil e delicada, pois você precisa demonstrar que tem ou receberá uma quantia alta de dinheiro, já que estamos falando em dólares. Assim, no caso das mães, a aprovação no processo seletivo é apenas o início de uma segunda grande empreitada para conseguir o dinheiro necessário para levar as crianças para a gringa.

Eu digo mães porque para os pais é muito mais naturalizada e aceita socialmente a ideia de que eles

possam viajar e deixar as crianças com a mãe enquanto investem em suas carreiras. Além disso, geralmente as mães se sentem capazes de assumir a responsabilidade pela criança sozinhas durante o período em que o esposo viaja, o que nem sempre é verdade para os pais. E isso é especialmente importante no caso de filhos pequenos, uma vez que a sociedade nos ensinou a vê-los como ainda mais dependentes da presença materna (e não da paterna) e nos educou, como mulheres, para acreditar que não temos condições emocionais de nos afastar do bebê por um longo período.

Enfim, o fato de não haver um valor adicional para quem irá levar os filhos é uma questão delicada, especialmente para as mulheres, e tendo em vista os dados sobre raça em nosso país, que mostram que mulheres negras têm renda inferior às mulheres brancas, ainda que tenham a mesma formação, podemos dizer que a possibilidade de mulheres negras conseguirem esse dinheiro extra necessário para levar as crianças é reduzida, tornando a situação mais difícil para elas.

No meu caso, tendo que comprovar o dinheiro necessário para levar duas crianças (o valor requerido é por cada dependente), a situação se resolveu com diversos tipos de ajuda. Eu me preocupei com antecedência, dois anos antes da suposta viagem, para a qual eu ainda não estava nem aprovada, e comecei a juntar dinheiro. Depois da aprovação o pai das crianças fez alguns empréstimos e me deu mais uma parte do valor necessário, e outros amigos me ajudaram seja me doando uma quantidade de dinheiro ou me indicando para realizar pequenos trabalhos em que eu receberia valores condizentes



Alecrim. Carolina Itzá.

com a minha posição como doutoranda. Para que eu pudesse fazer isso, foi essencial o apoio advindo do lugar em que eu trabalhava que flexibilizou alguns horários para que eu pudesse fazer esses trabalhos extras.

Há três anos, se eu lesse esse texto eu ficaria encontrando abismos entre mim e a pessoa que o escreve, sempre pensando que para mim seria diferente e muito mais difícil.

Eu sei que nem todas as mães contam com o apoio e suporte do pai e que nem todos os empregos oferecem flexibilidade, mas o que eu gostaria de demonstrar, compartilhando minha trajetória, é que algumas soluções só aparecem no meio do caminho e que por isso não podemos pressupor que somos inegáveis e desistir antes mesmo de tentar. Sei de outras mães que desenvolveram outras estratégias e redes de apoio para poderem levar seus filhos, como por exemplo, a publicização de um projeto virtual de arrecadação de fundos ou vaquinhas com familiares e amigos.

APRENDIZAGENS DA MINHA EXPERIÊNCIA COM O PROCESSO SELETIVO

O processo seletivo para a bolsa de doutorado sanduíche da Fulbright é composto por um conjunto de materiais que orbitam em torno do seu projeto de pesquisa e de você mesma, enquanto pesquisadora. Será importante e útil para o projeto que uma parte da pesquisa seja realizada nos Estados Unidos.

Nesse texto, irei descrever dois Ensaios que, com apenas cerca de duas páginas, são os

carros-chefes do material da sua *application*. O primeiro é o *Personal Statement*, uma espécie de carta de apresentação de sua trajetória e experiências demonstrando como elas te habilitam a realizar seu projeto, te qualificam como uma profissional competente, séria e confiável e fazem de você alguém em que vale a pena investir. Sei que a palavra *investir* soa um pouco comercial, mas é isso mesmo. Fomentos oferecidos em fase de formação de pesquisadores, como o doutorado, tem como um dos objetivos centrais a formação de profissionais com potencial para a execução de grandes e importantes projetos de pesquisa. Portanto, a maneira como você irá se apresentar é algo muito importante.

No meu caso, a escrita desse texto foi uma das tarefas mais difíceis. Duas páginas sobre a minha própria trajetória valorizando minhas conquistas ou *accomplishments*, como eles dizem. Chorei inúmeras vezes diante do computador com a sensação de que eu nunca tinha feito nada que valesse a pena relatar. Eu escrevi diversas versões e estava sendo realmente muito difícil. Só consegui desenvolver algo satisfatório quando eu decidi mudar o tom de fala e partir para uma escrita mais poética (uma outra coisa que eu não mencionei é que escrevo poesia e tive um livro publicado em 2016). Quando digo escrita poética, nesse caso, não significa que eu escrevi uma poesia, mas que optei por narrar minha trajetória de maneira pessoal, mencionei a influência da minha família na formação da minha personalidade e evidenciei o quanto a realização desse período no exterior seria algo que contribuiria para meus objetivos como pessoa, como profissional e também como cidadã.



Sem título. Carolina Itzá.

No *Personal Statement* vale descrever, de forma solene, as atividades realizadas ao longo da vida profissional, acadêmica e/ou até mesmo artística, caso tais atividades demonstrem algo relevante sobre suas habilidades, motivações ou capacidade de efetuar projetos. Tudo sempre posicionado no interior de uma narrativa sobre si. É essa narrativa que diferencia a carta do currículo, por exemplo, que traz um conjunto bem maior de informações, porém de maneira mais impessoal, apenas com nomes de instituições, datas e títulos.

A cada nova versão do *Personal Statement* eu compartilhava o texto com amigos e familiares que davam sugestões e dicas que me ajudaram bastante. Essa participação de muitos colegas e amigos foi essencial em todo o processo seletivo. Eu pedia opiniões e ajuda e sempre que possível falava sobre meus impasses e dificuldades na elaboração de cada material solicitado na admissão. É mais do que recomendável acionar as pessoas, colegas e todas as redes de apoio possíveis. A elaboração advinda desses diálogos certamente irá qualificar seu material de maneira notável. Eu

tive ajuda de muita gente e não restringi esse diálogo apenas a colegas acadêmicos, ao contrário, pessoas de fora da academia também me deram retornos importantíssimos sobre alguns dos materiais.

O segundo ensaio é o *Study Objective*. A Fulbright divulga os pontos que devem ser contemplados neste texto e vale a pena levar a sério as indicações que foram apresentadas no edital e em outros espaços de comunicação. No meu caso, como eu não tinha familiaridade nenhuma com esse tipo de documento, pesquisei vários sites diferentes da própria Fulbright em outros países e elaborei uma *checklist* com tudo o que era sugerido haver no texto. Conforme escrevia e reelaborava os textos, eu conferia se todos os itens da lista estavam sendo contemplados. Às vezes, as descrições apresentadas em processos seletivos da própria Fulbright de outros países, ajudam a compreender qual a expectativa a respeito de cada documento de maneira mais completa.

O *Study Objective* contém basicamente os objetivos da pesquisa. Ainda assim é importante contextualizar de maneira concisa e consistente o seu enquadramento teórico e justificativa. Tendo enunciado os objetivos da pesquisa, convém narrar alguma atividade realizada anteriormente em que você tenha desenvolvido habilidades que serão necessárias para que você efetue a pesquisa proposta. Eu, por exemplo, anunciei que iria realizar uma pesquisa documental e rapidamente contei que já havia feito isso anteriormente durante a minha pesquisa de mestrado, descrevendo os procedimentos que havia acionado na experiência anterior para demonstrar que eu estava preparada para efetuar o projeto apresentado.

Outro ponto solicitado na produção desse

documento é uma apresentação das contribuições que sua pesquisa pode trazer para o seu país e que sua estadia no exterior pode trazer para a sua carreira e formação acadêmicas. Assim, o *Study Objective* se conecta com o *Personal Statement* e é muito importante atentar para a coerência entre os dois, de modo que não haja repetições em ambos os materiais. Dentre as dicas que pesquisei durante o processo seletivo, eles diziam que esses dois ensaios são espaços muito preciosos que não podem ser *desperdiçados* repetindo informações que já estarão presentes em outros materiais solicitados no processo seletivo.

O grande desafio em ambos os textos é o espaço limitado e a grande quantidade de informações necessárias. Trata-se de uma escrita que requer bastante elaboração, pelo menos para mim que não estou acostumada a ser tão concisa.

Outros dois do conjunto de materiais solicitados são o currículo e o próprio projeto de pesquisa em 10 páginas. Assim, o *Personal Statement* e o *Study Objective* se relacionam com esses documentos, mas oferecem a liberdade de aprofundar alguns elementos que não aparecem nesses outros formatos.

Para mim esses espaços foram valiosíssimos, já que meu currículo em si não continha certos elementos que atestariam imediatamente minha dedicação, compromisso e clareza de objetivos de pesquisa e de vida, como, por exemplo, o currículo de alguém que tivesse diversas publicações.

A ideia é lançar um olhar generoso para os trabalhos mais diversos que você já realizou ao longo de sua carreira, desde participar em movimentos estudantis ou atuar como educadora social, até criar



Capoeira, Carolina Itzá.

um certo projeto pedagógico específico para abordar um tema de relevância social para sua comunidade ou país. Meus exemplos são da área da educação, mas o que estou tentando demonstrar é que, muitas vezes, pequenas realizações que não valorizamos podem ser descritas de forma a compor uma narrativa sobre nós, nossos objetivos, estratégias e outras características e potenciais que têm valor na apresentação de si como pesquisadora.

Gostaria de mencionar também a questão da língua, já que todos os documentos serão entregues em inglês. Eu escrevi a primeira versão de todos os textos em português e tive muita ajuda para traduzir e revisar os textos. No começo sofri por isso com a *síndrome da impostora*, mas depois que entrei em contato com vários outros doutorandos que foram aprovados no mesmo processo, percebi que eu não havia sido a única a receber ajuda com a tradução. Muitos candidatos aprovados tiveram ajuda, seja advinda de amigos ou mesmo de profissionais. Mas se você se sente confortável para escrever em inglês, escreva e ainda assim, peça para outras pessoas lerem e darem sugestões. Eu recorri a todos os falantes de inglês possíveis, inclusive no meu ambiente de trabalho, e não só consegui auxílio para traduzir e para revisar os textos, como fiz novas amizades com pessoas que me deram ajudas tão valiosas e desinteressadas que encheram meu coração de gratidão e me deixaram até emocionada!

No fundo eu me perguntava “por que essas pessoas estão me ajudando tanto?” E hoje eu sei que

elas estavam enxergando em mim um potencial que eu ainda não via. Agora eu percebo que a autovalorização da minha trajetória como intelectual ou pesquisadora, e isso vale para nós, mulheres negras em geral, depende de um trabalho parecido com o que precisamos fazer num dado momento de nossas vidas em relação à aparência física e auto-estima, ou seja, há um processo individual e coletivo para valorizarmos nossos cabelos e traços socialmente entendidos como feios. E o mesmo é verdade em relação às nossas trajetórias, frequentemente avaliadas como destituídas de valor simbólico. Por isso, o processo seletivo foi tão transformador, eu precisei revisitar minha história e dar valor às minhas experiências para apresentá-las de maneira adequada a um processo seletivo muito competitivo.

Escolhi falar sobre esses dois documentos porque diversos processos seletivos nos Estados Unidos e na Europa solicitam este tipo de material com algumas variações a depender do perfil de cada instituição de fomento ou universidade. Há as que irão valorizar mais ou menos o perfil de engajamento político, social, profissional, mas mesmo indiretamente é possível apreender tais características do próprio edital. Uma outra prática geral muito importante é pesquisar sobre a agência de fomento² que oferece a bolsa que está sendo pleiteada. Saber sobre seus objetivos e valores ajuda bastante a alinhar o tom das narrativas presentes em seus materiais com o que tem sido promovido pela instituição.

² Finalmente, para aquelas que tiverem interesse em saber mais detalhes sobre o processo seletivo da Fulbright, recomendo este vídeo aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=TqbSLVYNPbk>



*Manual de Autodefesa Malokera para
Mulheres Grafiteiras. Carolina Itzó.*

Gostaria de finalizar esse texto dizendo que a experiência de morar em outro país é muito forte e potente. Os Estados Unidos, para o bem e para o mal, são um centro de circulação intelectual, formação de redes e produção de conhecimento. E acessar materiais, discussões, eventos e universidades internacionalmente renomadas é algo muito potente, fazer isso com o reconhecimento proporcionado pela Fulbright é ainda mais forte.

Eu estou adorando e estou muito feliz por ter investido nesse processo seletivo. Meus filhos estão indo para a escola e começando a falar inglês, e sou muito grata aos meus pais, que estão aposentados e vieram comigo para me dar suporte com as crianças, me dando amplas possibilidades de circulação e aproveitamento do programa. Além disso, eles também estão começando a falar inglês e muito felizes com essa oportunidade.

Eu tinha grande potencial para desistir antes mesmo de tentar, por isso até agora estou encantada por ter dado certo. Compartilho um pouco desta trajetória pois sei que este percurso pode ressoar em muitas mulheres negras e mães pesquisadoras.

No meu caso, conhecer histórias de pessoas com esse perfil que haviam estudado fora antes de mim, foi essencial para que eu conseguisse enxergar o doutorado sanduíche como uma possibilidade.

Gostaria de enfatizar que minha intenção não é reproduzir um discurso liberal que esconde as desigualdades postas de início e afirma que tudo é possível a todas, desde que haja esforço, mas demonstrar a importância da construção de redes de apoio amplas e diversas em cada etapa do processo seletivo, o que engloba interlocutores e suportes das mais variadas naturezas como parte essencial da construção dessa possibilidade. Muitas vezes, não enxergamos essas redes logo no início, isso depende também de um exercício em se perguntar a cada passo “Quem poderia me ajudar nisso?” e não ter vergonha de apresentar seus planos e sonhos para as pessoas que eventualmente poderão te ajudar.

Pois o processo individual e coletivo de nos mostrarmos como intelectuais para a sociedade também é, em alguma medida, fruto de todo um conjunto de parcerias. ■